

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA

CAMPUS DE JOAÇABA

PÓS GRADUAÇÃO:

Saúde Coletiva: Estratégia de Saúde da Família

USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: REFLEXOS NA APRENDIZAGEM

Vera Lucia Rodrigues

Joaçaba

2015

Vera Lucia Rodrigues

USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: REFLEXOS NA APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo Científico
apresentado para o curso de Pós Graduação em
Saúde Coletiva: Estratégia da Saúde da Família da
UNOESC campus Joaçaba, SC

Orientadora. Andrea Gallon

Joaçaba

2015

USO DE DROGAS NA ADOLESCENCIA: REFLEXOS NA APRENDIZAGEM

Vera Lucia Rodrigues

RESUMO

Diante de uma sociedade complexa, é preciso refletir não só as formas mais tradicionais e atuais de analisar este problema das drogas, como também elaborar novas estratégias de intervenção que visem construir soluções condizentes quanto à problemática em questão. O objetivo do presente trabalho é aprofundar o conhecimento sobre o tema, verificar estratégias atuais preventivas, bem como identificar metodologias pedagógicas eficazes que ressignifiquem o aprendizado deste adolescente. Fica uma reflexão a respeito do papel da escola na prevenção, bem como nas estratégias de ação para coibir e ou minimizar as sequelas do uso de drogas, entre os adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Drogas. Adolescência.

1. INTRODUÇÃO

A fase que compreende idade escolar é considerada como um momento de vulnerabilidade e fragilidade em relação ao social. Nesse sentido, é necessário que educadores e responsáveis estejam atentos aos fatores de risco e proteção dos adolescentes em relação ao uso indevido de drogas, não apenas na família, mas também no interior da escola (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005).

A problemática do consumo de drogas é inerente à sociedade contemporânea, porém seu combate eficaz e permanente, principalmente no processo educativo é método preventivo, que pode diminuir significativamente os efeitos sociais devastadores ocasionados por este mal. (SILVA, 2000).

Freire (1996); Codo & Gazzotti (2001), defendem em seus trabalhos a importância de uma educação humana, no sistema educacional. Percebe-se que, quando o processo de construção e evolução não consegue atingir os resultados escolares é porque houve uma ou mais falhas e, certamente a culpa recairá sobre a insuficiência no processo pedagógico e, por conseguinte o mesmo deverá ser corrigido. A escola pode ensinar conteúdos sobre o respeito entre as pessoas, a moral, entre outros temas polêmicos, mas que constituem uma necessidade para o contexto atual, por ser cenário da maioria das relações sociais estabelecidas pelos adolescentes pode também ser o local onde estes terão seu primeiro contato com a droga.

Atividades desenvolvidas na prevenção do uso de drogas têm grande valia quando permeia as relações entre os elementos que compõe o sistema ou ambiente escolar, de modo a resultar em melhor aproveitamento para todos. A orientação adequada ao adolescente e à sua família pode auxiliar a aderência na intervenção, assim como é necessário estabelecer um plano de ação a ser discutido no início da intervenção (SILVA, 2001).

Ao revisar a literatura a respeito do uso de drogas na adolescência e o seu impacto na aprendizagem, objetivou-se aprofundar o conhecimento sobre o tema, verificar estratégias atuais preventivas, bem como identificar metodologias pedagógicas eficazes que ressignifiquem o aprendizado deste adolescente. As leituras puderam oportunizar a ampliação de um olhar voltado às relações construídas entre a escola, adolescência e as drogas, bem como dar uma nitidez ainda maior ao papel substancial e fundamental da escola na prevenção ao uso de drogas.

2. DROGAS NA ADOLESCÊNCIA.

Droga é toda e qualquer substância natural ou sintética que, introduzida no organismo modifica suas funções. O termo droga presta-se a várias interpretações, mas comumente suscita a idéia de uma substância proibida, de uso ilegal e nocivo ao indivíduo, modificando-lhe as funções, as sensações, o humor e o comportamento. (Cartilha da Secretaria Municipal da Educação e o Hospital Israelita Alberto Einstein, 2003).

Droga, segundo o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, CEBRID (2010), deriva da palavra droog (holandês antigo), pode ser denominado etimologicamente como folha seca, isso porque antigamente quase todos os medicamentos eram feitos à base de vegetais. Porém a medicina conceitua droga como toda a substância, alterando comportamento e fisiologia.

A dependência química é definida pela necessidade incontrolável que o indivíduo apresenta, de seguir utilizando uma substância de forma compulsiva. Isso ocorre a despeito dos possíveis problemas significativos, sejam físicos, emocionais ou financeiros, que podem estar originando-se desse comportamento, (OLIVEIRA, JAEGER e SCHREINER, 2007). Essa idéia é reforçada pelo DSM-IV-TR (APA, 2002), o qual diz que a dependência de substâncias químicas consiste na presença de uma série de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que mostram que o indivíduo continua usando uma substância, apesar dos problemas que estão relacionados a ela.

A adolescência não ocorre de forma linear e se faz gradativamente. O adolescente vai conquistando seu espaço e autonomia, experimentando uma possível independência que exigirá novas competências e mudanças nos padrões de comportamento. No entanto, esse adolescente possui o desejo de ser protegido e provido com as mesmas regalias de sua infância. Assim, a adolescência se constitui de movimentos com flutuações entre manter a dependência infantil e assumir a independência adulta, diante da separação dos pais que ocorre aos poucos. Essa característica provoca instabilidade, desarmonia vivenciada nessa etapa, já que o processo de desligamento é doloroso, porém necessário para o desenvolvimento humano. (BOLOGNINI, PLANCHEREL, LAGET & HALFON, 2004; KAMINER & SZOBOT, 2004; MARQUES & CRUZ, 2000).

A transição identificada na adolescência é um momento preocupante quanto ao uso de drogas, tema que preocupa famílias, educadores e profissionais da saúde, o interesse nesse fenômeno por parte dos pesquisadores só vem aumentando, nas últimas décadas. (DIEHL, CORDEIRO E LARANJEIRA, 2011).

Em busca de poder e controle sobre si mesmo, adquirir autonomia e diferenciar-se de seus pais, alguns jovens escolhem usar drogas, geralmente iniciando com cigarros, álcool, maconha, o que pode levar conseqüentemente, ao uso de múltiplas drogas ilícitas (BOLOGNINI, PLANCHEREL, LAGET & HALFON, 2004; KAMINER & SZOBOT, 2004; MARQUES & CRUZ, 2000).

2.1. DROGAS X ESCOLA.

A problemática das drogas perpassa todos os ambientes sociais e reflete no contexto escolar. A escola desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, que vai além de sua função de instrução, visto que ela atua também na construção das relações sociais proporcionada pela interação destes dentro do ambiente escolar (SANTOS et al 2011). Neste sentido a escola pode ser considerada um ambiente em que parte dos fatores de risco e de proteção, relacionados ao uso de drogas, podem ser percebidos.

Na escola se aprende sobre o respeito entre as pessoas, a moral, entre outros temas polêmicos como a droga, mas que constituem uma necessidade para a atualidade. Questionamentos são realizados por educadores quanto aos procedimentos que devam ser realizados para que a escola possa ser representada pelos alunos como um espaço significativo, em que seja permitido a aplicação e o desenvolvimento da criatividade, a satisfação por fazer parte do grupo de discentes e, por consequência, a obtenção de prazer, por meio de sua participação no processo de ensino e aprendizagem. (DUBET, 1991).

Frente a estas constatações, surgem muitas dúvidas quanto ao que esteja ocorrendo com a escola. Teme-se que este espaço tenha se tornado um lugar em que as crianças e adolescentes relutam em se fazer presentes. Reflete-se sobre a dimensão da influência das mudanças sociais e nas relações entre as pessoas, da desmotivação e descaso dos estudantes em relação à escola como espaço adequado à produção do conhecimento científico. O educador vem perdendo sua capacidade de liderança e autoridade frente aos estudantes, que acabam não lhe conferindo o devido valor, embora este profissional eduque e contribua para o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e afetivo dos alunos. O educador precisa trabalhar mais com o tema transversal incorporando estratégias na busca de prevenção do uso de drogas, caracterizando a educação em saúde na escola. Educação em saúde não se limita a transferir conhecimentos e sim motivar a criança ou o adolescente a aprender, analisar, avaliar as fontes de informações, e torná-lo capaz de escolher inteligentemente seu comportamento com base no conhecimento (MARCONDES, 1972).

Percebe-se que a escola tem acumulado mais funções, que era antes exclusiva da família, realizando o ato de educar para a vida, não mais teoricamente, mas preenchendo essa lacuna, que nos cerca como sociedade, em estado de transformação, e em busca de um modelo de equilíbrio social-moral, enquanto isso não ocorre, os adolescentes estão sendo

sugados por esse mal do século, a droga, que acaba com muitas vidas e principalmente sobre o que ainda chamamos de família. (DUBET, 1996).

2.2. DRODAS X APRENDIZAGEM.

Papalia, Olds (2000), afirmam que para estabelecer se houve ou não aprendizagem é preciso que as mudanças sejam relativamente permanentes. Existem pelo menos sete fatores fundamentais para que tal aprendizagem se efetive, são eles: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, amadurecimento, inteligência, concentração ou atenção e memória. A falta de um desses fatores pode ser a causa de insucessos e das dificuldades de aprendizagem. No tocante a isso surge ainda a temática droga, perceptível até os dias atuais em nosso sistema educacional onde as dificuldades de aprendizagem do aluno eram e ainda são por vezes desconsideradas ou inobservadas, assim como os aspectos físicos, sociais, culturais e emocionais que poderiam culminar na consequente dificuldade em aprender e compreender tudo que os cerca.

É comum que usuários da droga apresentem dificuldades de aprendizado, raciocínio, memória, concentração e solução de problemas, o que afeta o progresso de aprendizagem, o comportamento e a frequência escolar. “Eles tendem a ter histórias de prejuízo no desempenho educacional, possuem menor probabilidade de ter um emprego formal na vida adulta e maiores índices de envolvimento criminal, afirma KESSLER (2007), psiquiatra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O educador tem que estar ciente do papel que ocupa em sala de aula, ele é um mediador entre os alunos e a sociedade, como comenta FREIRE (1984).

2.3. ESTRATEGIAS PREVENTIVAS.

O contexto dominante para os adolescentes usuários de drogas são seus pares na escola e em uma proporção menor, o entorno da sociedade, podendo assim ser entendido como “manifestação de uma experimentação apropriada para sua etapa de desenvolvimento”. SCHENKER (2003). Pode-se então dizer que para se prevenir o uso de drogas, não apenas ao se experimentar, mas também o abuso da mesma busca-se na iniciação da personalidade e suas etapas de formação, “a) colocar expectativas claras relativas ao comportamento; b) monitorar e supervisionar as crianças; c) reforçar com consistência atividades que favoreçam

a socialização; d) criar oportunidades para o envolvimento familiar; e) promover o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem e sociais dos jovens” HAWKINS (1992). Assim, a habilidade de tratar essas etapas na família e na escola, é que vai propiciar a redução de problemas de comportamentos, para melhor aprendizagem na adolescência. A influência gerada pela família, na fase infantil, e principalmente da escola e comunidade na fase da adolescência, é de suma importância para a prevenção, principalmente do uso abusivo de drogas HAWKINS (1992).

De acordo com o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas - OBID, (2010), as intervenções podem ser feitas em três níveis: Prevenção primária em que o objetivo é evitar que o uso de drogas se instale ou retardar o seu início. A prevenção secundária destina-se a pessoas que já experimentaram drogas ou usam-nas moderadamente e tem como objetivo evitar a evolução para usos mais frequentes e prejudiciais, Já a prevenção terciária diz respeito às abordagens necessárias no processo de recuperação e reinserção dos indivíduos que já têm problemas com o uso ou que apresentam dependência. Os níveis de prevenção devem ser contínuos, sem limites. Portanto, exige-se que as ações sejam desenvolvidas em vários âmbitos, integradas entre as diferentes áreas sociais. De acordo com Marques (2003), incorporar novos conceitos e abordagens não é algo fácil, contudo quando elaborados precisam ser baseados nas necessidades dos usuários com os quais são pactuados objetivos e metas. Na escola é fundamental que se tenha objetivos claros e profissionais capazes de abordar adolescentes já usuários de drogas e conscientizar aqueles que ainda não se envolveram com esse tipo de problema, considerando o contexto de cada adolescente, sua família e a comunidade em que está inserido.

Como instrumento legal destinado a enfrentar o problema das drogas, a Lei 11.343/06, é abrangente e, além de Instituir o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD prescreve medidas para a prevenção do uso indevido, para a atenção e reinserção social dos usuários e dependentes de drogas, fixa normas para a repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e, por fim, define os crimes e dá outras providências.

Um exemplo de programa bem sucedido, eficaz é o PROERD, (Programa Educacional De Resistência as Drogas e á Violência) desenvolvido nas escolas públicas e particulares, no 5º e 7º ano do Ensino Fundamental, na educação infantil (PROERD Kids) e para adultos com o Proerd para Pais, por policiais militares treinados e preparados para desenvolver o lúdico, através de metodologia especialmente para crianças, adolescente e

adulta. O objetivo é transmitir uma mensagem de valorização à vida, e da importância de manter-se longe das drogas e da violência. (ANDRADE et al., 2014).

2.4. AÇÕES DE RECUPRAÇÃO NA APRENDIZAGEM.

Quando o uso de drogas chega à dependência química, um dos desafios é recuperar o interesse dos jovens pelo ambiente escolar. Um dependente químico, estar dentro da escola é mais do que aprender português, matemática ou geografia - é voltar à rotina de estudos e ser reinserido no contexto escolar que, em grande parte dos casos, há muito foi abandonado. Especialmente para esse público, é essencial que o ensino seja palpável, e que professores, busquem aproximar o conteúdo o máximo possível da realidade do aluno. (FREIRE, 1992).

Segundo Olievenstein (1982), não há ciência sem consciência, e não é possível lutar contra a droga quando se tem uma visão mecanicista do problema e quando não se interroga a respeito das motivações dos que se tornam usuários.

A melhor maneira de prevenir, diminuir ou tratar o uso de drogas é pela informação e conscientização. Para que a internalização destas informações sejam efetivas, estas devem ser fornecidas em ocasiões nas quais o aluno esteja receptivo a ouvir. Este é o momento de se intervir na prevenção contra o uso de drogas através da promoção de práticas educativas. É fundamental realizar atividades que promovam o relacionamento saudável entre pais e filhos, por meio de atividades que abram as portas da escola para a família. Trazer os familiares é uma forma de atingir níveis elevados no que diz respeito à prevenção de comportamentos inadequados e comportamentos anti-sociais, é também motivar e disponibilizar os pais dos alunos em colaborarem com o processo educativo. (BAÇU, 2008).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A aprendizagem atua em um momento de transformação que o adolescente passa. Neste contexto o significado de drogas e suas consequências necessitam sempre de maior atenção.

O uso abusivo de substâncias psicoativas é um tema muito discutido em nossa sociedade, principalmente, no consumo por adolescentes no âmbito escolar. Tal questão tem

gerado preocupações tanto na sociedade, educadores, familiares, saúde pública quanto para a ciência, que por meio de estudos variados, busca compreender melhor a questão das drogas em si e o processo de envolvimento dos jovens, tendo por finalidade traçar estratégias preventivas

À escola, cabe garantir que o estudante aprenda, reconhecendo seu papel de proteção social diminuindo a vulnerabilidade e riscos a que estão expostas as crianças e os adolescentes, na busca do bem-estar global, individual e coletivo.

É comum que usuários de drogas apresentem dificuldades de aprendizado, raciocínio, memória, concentração e solução de problemas, o que afeta o progresso de aprendizagem, o comportamento e a frequência escolar. É importante que o professor esteja ciente do papel que ocupa em sala de aula, como um mediador entre os alunos e a sociedade.

Os níveis de prevenção devem ser contínuos, sem limites. Exigem que as ações sejam desenvolvidas em vários âmbitos, integrados entre as diferentes áreas sociais. Esse é um assunto inesgotável, uma vez que envolve uma grande parcela da população, afetando as mais distintas famílias e segmentos da sociedade, independente de posição ou classe social. Um dos desafios é recuperar o interesse do jovem dependente químico no ambiente escolar. A melhor maneira de prevenir, diminuir ou tratar o uso de drogas é pela informação e conscientização, aproximando também o conteúdo ao máximo possível da realidade do aluno.

Faz-se necessário que a escola tome consciência da importância de conhecer o tema a fundo, e principalmente na adolescência, período de vulnerabilidade, caminhando assim no sentido da construção de seres humanos mais evoluídos não somente nos aspectos tecnológicos, mas de convivência e harmonia sem o uso de subterfúgios, como a droga, para se sentirem felizes.

Programas bem sucedidos como PROERD (Programa educacional de Resistência às Drogas e a Violência) são sempre recomendados a serem implantados no ambiente escolar, constituindo um reforço cooperativo entre estado escola e família.

REFERÊNCIAS:

ASSOCIAÇÃO Psiquiátrica Americana (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. - Revista (DSM-IV-TR). Porto Alegre: Artmed, [2000] 2002.

ANDRADE, R. J. de, OLIVEIRA, F. da C., ORTEGA, L. M. R., REZENDE, J. V. de. Avaliando o PROERD: Desafios e Possibilidades. Disponível em:

<<http://central3.to.gov.br/arquivo/163633/>> Belo Horizonte: UFMG, 2010. Acesso em: 31 de setembro de 2014.

BAÇU, J. – Execução do Eu. O drama das drogas em um caminho para recuperação. Porto Alegre: Editora Evan Graf, 2008

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, Drogas Psicotrópicas 5.ed., Brasília-DF, 2010.

BOLOGNINI, M.; PLANCHEREL, B.; LAGET, J. & HALFON, O. (2004). Adolescente: população de risco, vulnerabilidade e uso de substâncias. *Substance Use & Misuse*, 38, 1651-1669.

Cartilha da Secretaria Municipal da Educação e o Hospital Israelita Alberto Einstein, dezembro/2003.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, Drogas Psicotrópicas 5.ed., Brasília-DF, 2010.

CODO, W. GAZZOTTI, A. A. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: 3ª Edição. Ed. Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUBET, F. *Les Lycéens*. Paris: Seuil, 1991.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. *À L'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil, 1996.

FREIRE, P. Educação e mudança. Petrópolis: Vozes, 1984.

FREIRE, P.. Educação e mudança. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996

FREIRE, P. Pedagogia da Esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HAWKINS JD, CATALANO RF & MILLER JY (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin* 112(1):64-105.

KAMINER, Y. & SZOBOT, C. (2004). O tratamento de adolescentes com transtornos por uso de substâncias psicoativas. Em Pinsky, I. & Bessa, M. A. (Eds.). *Adolescência e drogas* (pp. 164-178). São Paulo: Contexto.

KESSLER FHP. Adaptação transcultural multicêntrica da sexta versão da Escala de Gravidade de Dependência (ASI6) para o Brasil. *Rev Psiquiatr RS*. 2007; 29(3):335-6

LEI 11.343/06 Instituir o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas –

MARCONDES, R. S.. Educação em saúde na escola. Rev. Saúde Pública. [online], São Paulo, v. 6, n. 1, p. 89-96, mar. 1972.

MARQUES, A.C.P.R. Atualização de Conhecimento sobre redução da demanda de drogas (curso à distância). SENAD / UFSC, 2003.

MARQUES, A. C. P. R. & CRUZ, M. (2000). O adolescente e o uso de drogas. Revista Brasileira de Psiquiatria, 22, 2, 32-36. .

OBID- Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas.

http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/index.php?id_conteudo=11431&rast
Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

OLIEVENSTEIN, C. Drogas e Drogados: O indivíduo, a família, a sociedade. São Paulo; EPU, 1982.

OLIVEIRA, M. S.; JAEGER, A.; SCHREINER, S. Abordagens terapêuticas no tratamento de dependência química. In: Renato Caminha; Ricardo Wainer; Margareth da Silva Oliveira; Neri Piccoloto. (Org.). Psicoterapias Cognitivo-comportamentais: Teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, v. , p. 193-210.

PAPALIA, D. E; OLDS, S.W. Desenvolvimento humano. 7ª ed. Porto Alegre, 2000.

SANTOS, M.E., ATHANASIADIS, A., LEITÃO, A.B., DUPASQUIER, L., SUCENA, E. (2011). Alternative Splicing and Gene Duplication in the Evolution of the FoxP Gene Subfamily.

SCHENKER, M., & MINAYO, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. Ciência & Saúde Coletiva, 8 (1). Recuperado em setembro de 2005, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): <http://scielo.br>

SILVA, E. A. (2001). Abordagens familiares. Jornal de Dependência Química, 2(Supl.1),21-4.

SILVA, I.R.. Alcoolismo e abuso de substâncias psicoativas: tratamento, prevenção e educação. São Paulo: vetor, 2000

SUDBRACK, M.F. O.; DALBOSCO, C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas.. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo.Proceedings online. Available from: